

## Relatório de Actividades do ano de 2017

### 1 – Exigência

Este documento reflecte, em traços gerais, nuns casos, de forma mais apurada, noutros, o essencial da actividade da instituição ao longo do período em apreço – ano de dois mil e dezassete.

Em comparação com documentos análogos de parceiros nossos ou organizações equivalentes, salta à vista a escassez de informação detalhada e tratada do dia-a-dia das múltiplas vertentes em que afirmamos a nossa dinâmica, em linha com os procedimentos de sempre na vida institucional.

Urge alterar este retrato distanciado, às vezes periférico, da realidade, implicando esta evolução a construção de instrumentos de monitorização e registo das dinâmicas quotidianas, capazes de fornecerem elementos fiáveis em tempo oportuno, integrando-os, igualmente, na avaliação continuada a que todos devem estar subordinados.

A gestão financeira e técnica, vectores a que temos conferido importância crescente, devem requerer para companhia permanente e vigilante o registo objectivo e factual do dia-a-dia, os indicadores e as evidências da nossa actividade. E deve exigir a sua presença actualizada, para sustentar uma avaliação rigorosa, enquadrar e orientar correcções e acertos que, em cada momento, se justificarem.

Não nos pode bastar a identificação de tendências, ainda que documentadas, nem a detecção de sinais consolidados. Para efeitos de uma maior eficiência, devemos exigir de todos, a começar por nós próprios, uma outra rapidez e agilidade, que só a leitura imediata da realidade pode autorizar e caucionar.

Definir melhor os papéis, que a cada um cabem, e reestruturar linhas e eixos de orientação, de conexão e de inter-relação mais claras é outro dos vectores que devem merecer uma atenção redobrada (os progressos registados não são suficientes).

A compreensão e harmonização da complexidade do nosso universo desafiam-nos, permanentemente, a escrutinar o pulsar diário, a ponderar cada acção, a aferir cada decisão – e fazê-lo sempre em diálogo, com confiança, com assertividade, mas também com determinação.

## 2 - Equilíbrio

Perscrutar os dados essenciais do exercício de dois mil e dezassete permite-nos deparar com dois aspectos relevantes, senão mesmo centrais: a instituição continuou a desenvolver-se, em todos os eixos importantes, e fê-lo mantendo um equilíbrio financeiro sólido.

Este equilíbrio prolonga o ciclo de exercícios positivos de quase uma década e meia e alimenta a perspectiva de podermos prosseguir na senda da modernização das infraestruturas técnicas de apoio, da construção de novas estruturas e beneficiação das existentes, da criação e dinamização de novas vertentes de intervenção, do reforço das dinâmicas comunitárias, nos domínios do desporto e da cultura, do acolhimento de propostas inovadoras e ousadas, da implementação de projectos arrojados.

O rigor e o realismo não inibem o sonho nem a ambição, antes constituem o húmus mais fértil para despertarem e se desenvolverem de forma saudável.

Alguns prefeririam uma gestão menos prudente e navegando à vista dos interesses imediatos, quiçá de grupos ou tendências de circunstância; não é essa, porém, a opção dos actuais responsáveis pela instituição, há poucos meses reeleitos para mais um mandato de quatro anos, estribados não apenas nas suas convicções de partida, mas reforçados por uma experiência de anos de resultados reconhecidos.

Numa instituição de espectro amplo e cada vez mais aberto, diversa e dispersa, emergem, naturalmente, contradições de natureza múltipla, muitas vezes mal compreendidas e susceptíveis de leituras descontextualizadas e alarmistas.

Durante todo o ano de dois mil e dezassete foram desenvolvidas acções visando um melhor interconhecimento entre as várias valências e os vários funcionários, destacando-se a realização de um seminário com esse propósito específico, no início de Setembro.

A montante, todos foram convocados para entrelaçarem competências, recursos e conhecimentos e, a jusante, o encontro induziu conjugações e dinâmicas de novo tipo, que, agora, devem ser estimuladas, sempre no respeito pelas singularidades, no pressuposto de que a pluralidade só deixa de ser uma vantagem quando pretende afirmar-se no singular.

Com um quadro de pessoal elevado ao dobro nos últimos anos, em parte por força da abertura de novas respostas sociais, este era um fórum necessário para todos se conhecerem melhor, para conhecerem melhor a instituição na sua amplitude e complexidade, para perceberem as interdependências e as potencialidades da instituição.

### 3 - Valorização

A valorização dos recursos humanos da instituição constituiu sempre uma preocupação nuclear, em favor da qual têm sido mobilizados investimentos consideráveis.

Para o período em questão, definimos em sede própria – plano de actividades – o propósito de reforçar esse investimento, através da dinamização de iniciativas próprias e da criação de condições para a frequência de acções de formação com aportes importantes para as várias categorias profissionais.

Em nenhum outro período equivalente foi registado um tão grande número de horas de formação, muitas delas, realizadas no exterior, replicadas internamente. Essa foi mesmo definida como uma condição indispensável para a frequência de alguns desses espaços formativos e, em boa hora, tomámos essa decisão.

Por via dela, muitas informações e experiências circularam internamente, foram cotejadas com as práticas institucionais, suscitaram interpelações, problematizaram, inquietaram, geraram novos desafios; despertaram novos ângulos de abordagem, novas metodologias, novas propostas.

As plataformas de reflexão, articulação e monitorização criadas tornam mais fluida e conseqüente a partilha e o envolvimento, constituem espaços de reforço da coesão, abrem canais de comunicação com o exterior – são caminhos para aprofundar no presente e no futuro.

### 4 - Inclusão

A relação com a comunidade persiste como pedra angular da vida institucional.

A construção da sociedade inclusiva, desiderato primeiro da existência da APPACDM de Setúbal e marcador indelével do seu ADN, não é empresa para duas ou três gerações e jamais poderá, independentemente da fase em que este processo se encontre, prescindir da participação de todos ou sequer secundarizar esta premissa.

A mobilização de toda a sociedade não constitui um objectivo de carácter instrumental, antes corresponde a um pressuposto de ordem filosófica e política, logo estrutural, sem o qual não é possível conceber a totalidade do edifício.

Fiel a estes princípios, a instituição reforça, em cada ano, a rede de parcerias, comprometendo e comprometendo-se com novas entidades e grupos de cidadãos, organizados ou não, procurando com todos ascender a patamares mais evoluídos de inclusão.

No decurso do ano de dois mil e dezassete foi possível, no desenvolvimento desta estratégia, alargar de forma muito significativa o leque de entidades parceiras, enriquecer e diversificar as áreas de intervenção e promover a evolução qualitativa das acções levadas a cabo, nomeadamente nos sectores da educação, da empregabilidade das pessoas com deficiências e incapacidades, da cultura e do desporto.

As medidas de reorganização do Centro de Recursos para a Inclusão, a dinamização do emprego apoiado, o alargamento sustentado da base de apoio da empresa de inclusão “Flores da Arrábida”, a persistente afirmação da importância do desporto e da cultura como territórios e meios privilegiados de inclusão, perfilam-se como exemplos elucidativos da actividade desenvolvida e paradigmas das acções e das estratégias que urge continuar a conceber e executar.

Escapam, incompreensivelmente, a esta tendência algumas autarquias locais, com as quais não temos almejado as “parcerias estratégicas” que ambicionamos. Em nome da inversão deste quadro e não obstante a enorme importância que lhe atribuímos, jamais prescindiremos da nossa independência – tal não constitui uma opção, antes corresponde a uma obrigação legal e ética.

## 5 - Ambição

Sáímos do ano de dois mil e dezassete mais fortes e melhor preparados para enfrentar as vicissitudes e as contingências dos tempos por vir; mais conscientes das nossas fragilidades e, por isso mesmo, em melhor posição para as neutralizarmos ou superarmos; mais capacitados para a concretização dos grandes projectos institucionais, à cabeça dos quais se perfila a construção do edifício para acolhimento do CAO1 e de um novo lar.

Resolvemos, neste período, a regularização dos terrenos do CRP e do CAO1, constituindo, agora e finalmente, propriedade da instituição. Perseguíamos este desfecho há décadas e, tê-lo conseguido, libertou-nos duma preocupação e disponibilizou-nos para outras frentes de trabalho.

A construção de um novo centro constitui, muito provavelmente, o maior desafio de sempre da APPACDM de Setúbal. Mesmo sem a previsão de financiamento público, mesmo sem apoios significativos garantidos, a instituição deu passos

importantes em dois mil e dezassete e assumiu compromissos irreversíveis tendentes à sua concretização, que não pode defraudar.

Também em relação a este desafio, que tem perpassado por todos os documentos de programação e avaliação da vida institucional, nos últimos anos, se pode qualificar o ano precedente de auspicioso, na medida em que reforçamos o nosso pecúlio, que há-de viabilizar a construção do edifício, e demos passos seguros, percorrendo novas etapas, sem que tal tenha implicado a abdicação ou subalternização de qualquer faceta fundamental da vida institucional.

Assim possamos prosseguir nos tempos mais próximos.